

DEPOIMENTO DE UMA EX-PROFESSORA PRIMÁRIA, CONSTANTE NO MUSEU DA ESCOLA E DA INFÂNCIA

Maria Germana Kühl¹

Estudei no Colégio dirigido por irmãs religiosas, em inícios da década de 1950. Fazia meio expediente, em sala de aula, e outro trabalhando para custear os estudos.

Mais tarde, continuei os estudos por correspondência, com acompanhamento de uma professora, para eventuais dúvidas. Trabalhava, quase o dia todo, reservando alguns momentos para estudar. Naquele ano, já lecionava para o 4º ano primário. Como só tinha 16 anos, a coordenadora respondia pelos documentos e assinaturas, que a Secretaria de Educação exigia.

Como meus pais eram pessoas humildes, precisava achar algum trabalho em período integral, para resolver o problema de finanças, com a intenção de que se melhorasse, voltaria a estudar. Fui trabalhar num hospital e preparei-me para o trabalho de enfermeira. (Curso prático e alguma coisa teórica.). Lia todas as bulas e procurava me informar quando não entendia o significado. Num caderno, anotava todos os nomes das doenças, suas origens e conseqüências. Aprendi muito, como também, sempre tinha livros de cultura, para nas horas vagas ler e estudar algo. Pedi um dia, para a chefe de enfermagem, que colocasse uma enfermeira formada, chamada na época de "enfermeira alto padrão", para nos instruir não só na enfermagem, como também, nas outras matérias, pois, tinha muitas assistentes de enfermagem, que além da habilidade que tinham no seu ramo, faltava o estudo das outras matérias. E fui atendida.

INÍCIO

De férias, na casa dos meus pais, recebi a visita do Padre da Paróquia, propondo, para assumir como professora numa Escola Particular, pertencente a uma Comunidade Católica. É bom

¹ A depoente lecionou entre os anos de 1958 e 1966, na localidade de Entrada Ferraz, município de Vera Cruz, RS, primeiramente como professora de escola particular paroquial e, a partir de 1965, como professora municipal, em virtude da municipalização das escolas paroquiais. Em 1967, ela se mudou com a família para Toledo e, depois, para Marechal Cândido Rondon, Paraná.

ressaltar, que naquela época, para as Escolas Particulares, o Padre e a Comunidade escolhiam e indicavam o professor ou a professora. Após insistência por parte do vigário, aceitei, mas com certo receio. Pensava: como a comunidade irá me receber e aceitar? Achava-me despreparada e gostava do trabalho de enfermeira, é bom lembrar, como assistente de enfermeira. Prometi a mim mesma, que se assumisse, não daria nenhum passo duvidoso, procuraria consultar e pedir ajuda para quem tivesse mais competência.

Havia, em minha cidade, uma escola, *Prof. Murilo Braga de Carvalho*, que preparava professores rurais. Além dos conteúdos e das metodologias de ensino, a escola ministrava aulas teóricas e práticas sobre trato com a lavoura e animais, pastos, plantações. Os professores formados nesta escola lecionavam em escolas rurais da região. A esta escola, muitas vezes, recorri em momentos de necessidade.

CHEGOU O DIA

Arrumei minhas coisas e algum material didático, para cada série, pois, como o vigário já havia me alertado, na Escola não teria NADA.

Comprei livros, um para cada série, numa livraria da cidade (Livraria Frederico Rech) e o próprio dono que atendia no balcão, me garantiu que este material estava sendo usado pelos colégios da cidade. Informei-me a respeito dos valores dos livros que iria adotar, mas tinha certeza de que seria um ônus elevado para os pais, pessoas simples da agricultura; de minha parte, eu me desempregaria do Hospital. A conselho do dono da livraria, comprei algum material e alguns livros. Tratava-se de um material para fazer massa. A massa era gelatina. Colocada numa forma (aquelas de fazer pão no forno de lenha), servia como polígrafo ou como mais tarde se dizia, mimeógrafo. Escrevia os textos originais num papel adquirido na livraria, que nada mais era que papel carbono em tamanho de papel sulfite e, a seguir, tirava até 20 cópias. A preparação da fórmula da massa: numa forma de pão colocava a gelatina, água quente e vinagre. Quando a massa estava dura, eu colocava com todo cuidado o estêncil carbono para fazer a matriz. Quando a 20ª folha saía apagada, eu reaproveitava a massa para começar novamente as cópias. Fiz planos de aula para cinco séries. Há um detalhe aqui. Nas escolas teuto-brasileiras as aulas eram dadas em português; nada

mais havia de alemão porque as aulas alemãs terminaram em 1938 e eu comecei a lecionar em 1958. As quatro séries, inicialmente, eram atendidas por mim na parte da manhã. Logo depois, introduziu-se a quinta série do Primário.

Meus pais moravam numa cidade pequena. No dia marcado, cheguei na escola rural, levada pelo vigário no velho Jeep.

Só tinha a presença dos alunos, curiosos e com medo da professora nova, pois disseram que ela seria muito brava. A professora anterior a mim estava lá, há mais de 20 anos e com um único método. Entrei contando algumas piadinhas e fazendo algumas brincadeiras e, logo, todos estavam mais tranquilos e viram que a professora não era o que haviam dito. Falavam muito a língua alemã e pouco a língua portuguesa, consequência, talvez, dos primeiros anos de magistério da ex-professora, quando o alemão, mesmo não sendo admitido, era utilizado em aula. O primeiro passo foi com muito jeito, de leve, proibir de falarem alemão, enquanto estivessem na sala e no pátio da escola. Expliquei que teriam mais facilidade em aprender o português e todas as matérias seriam mais fáceis para entender e compreender. Também, afinal, estamos no Brasil e não na Alemanha! Em casa eles poderiam falar o que quisessem. Importa dizer que no primeiro ano que lecionei, a grande maioria era filhos de descendentes alemães. Já no segundo ano e terceiro anos que lecionei na localidade, havia mais alunos denominados "lusobrasileiros" na escola.

Eu era exigente. Quando era hora de brincadeiras, tudo bem, mas na hora de estudar, estudava-se de verdade, pois, tinha muita coisa para ensinar. Sentia que as crianças começavam a confiar em mim. Foi feita uma verificação para saber em que ponto os alunos pararam e aonde deveria continuar ou começar. Notei que a tarefa não seria fácil, mas mãos à obra e fosse o que Deus quisesse! Os alunos da 1ª. série não sabiam manejar um lápis. Trabalhavam com uma pequena lousa, chamada lousa-de-pedra ou, como encontrei em outras partes do Brasil também, ardósia. Logo quando cheguei, mandei trocar por cadernos, lápis e canetas. Para treinar os alunos da primeira série, mandei-os para o quadro-negro e com giz deveriam desenhar círculos, quadrados e triângulos, para após escreverem as letras. Foi um sacrifício. Precisei pontilhar os contornos, para que eles preenchessem o círculo, ou utilizava gravuras. Enquanto os alunos trabalhavam desenhando no quadro, pude trabalhar com as

outras séries. No início de meu trabalho, percebi que a quarta série não tinha o estudo que, normalmente, tinham que ter os alunos da segunda série, mais ou menos preparada.

Por se tratar de descendentes alemães, a maioria trocava as letras b por p, t por d e vice-versa. Tive que utilizar algumas horas para treiná-los no funcionamento dos sons e a posição dos órgãos vocais, mostrando-lhes as posições de cada letra no céu da boca, na língua, nos dentes e nos lábios. Alunos da 2ª. Série não sabiam o nome de suas mães. Era "mãe". Fazia muitos ditados com eles e após cada frase, um aluno ia para o quadro escrevê-la para a correção. A maioria dos trabalhos feitos na sala era corrigida logo, para que gravassem melhor e distinguissem o certo do errado. Exercícios de matemática também eram corrigidos logo. Um aluno ia ao quadro para fazê-los e os outros mesmos corrigiam, revezando cada dia. Um detalhe: os tons, as pausas das pontuações, foi um calvário!

Como o currículo era único e prescrito pela Delegacia de Ensino da região, o que eles sabiam era de até dois anos atrasados; precisava recuperar o perdido. Muitas explicações, treinamentos, muita tarefa para fazer em casa, complicou um pouco. Na 1ª. Reunião, os pais pediram trégua; era muita coisa para compreender e entender tanta matéria. Estavam satisfeítíssimos com a professora, mas pediram calma. Sugerí que a 4ª Série fizesse mais um ano, a 5ª, para que pudesse ensinar o que realmente era preciso que as crianças soubessem. A cultura de uma quinta série vinha já de um costume de muito tempo; até meus pais diziam que a quinta série nas escolas católicas e a 6ª série nas luteranas eram porque geralmente os alunos não tinham condições de fazer o ginásio. Por isso, solicitei aos pais introduzir a quinta série.

Tendo eles concordado, no ano seguinte já tinha cinco séries. Cabe ressaltar que comecei com 20 alunos e em um mês tinha 35 alunos. É que a comunidade estava dividida; alguns queriam que a professora, que tanto tempo estava nesta escola, continuasse, enquanto outros exigiam inovação. Eu não sabia deste detalhe, quando assumi. Mas não demorou, tudo estava engrenado. Tornei-me amiga da ex-professora e com isto conquistei os "adversários". Do terceiro ano em diante, o número de alunos era de 65 a 72 alunos, dependendo do ano.

Material didático não tinha para a 1ª série. Eu usava grãos de milho, feijão e arroz ou sementes de laranja e bergamota para o ensino das quatro operações, como também para as outras séries. Imaginem!

o quarto ano não sabia quanto era três quartos ou cinco sextos! Lá vai laranja, para dividir e mostrar, in loco, números fracionários. Foi difícil eles entenderem que um meio tem o mesmo tamanho que dois quartos ou três sextos. Somente com mais divisões, enfim, mais exemplificações, mostrar mais, para que eles acreditassem ou aprendessem! No primeiro ano que lecionei, foi sacrificado: tinha quatro séries numa mesma sala. Precisei de um bom plano de aula e controle. Mas foi muito gratificante, quando no fim do ano, os pais reconheceram e agradeceram por tudo que se tinha feito.

No segundo ano que lecionei, já foi mais fácil. Dividi os alunos em dois períodos. Pela manhã, a 1^a. a 4^a. e a 5^a. Séries; e pela tarde, a. 2^a e 3^a. Séries. A 5^a. Série conseguiu se igualar ou até se superar com o currículo prescrito pela Secretaria de Educação das escolas particulares. Também no segundo ano consegui comprar algum material didático: mapas do município, do Estado, do Brasil e um Mapa Mundi, pois, a 4^a. e a 5^a. Séries deviam saber alguma coisa sobre os países dos cinco continentes: principais países, rios, língua, alguns costumes. Também para a 1^a. Série comprei caixas de letras e números de madeira, carimbos de borracha, com palavras, gravuras de animais, flores para formar frases, material feito numa indústria do município, (ainda hoje existente). Era para os alunos um aprendizado na diversão. Ao lado do carimbo, escreviam palavras e mais tarde formavam frases. O segundo ano foi mais fácil, pedi que cada um trouxesse seu irmão ou irmã de 6 anos, aos sábados, para se familiarizarem com a escola e com os colegas. Com isto, não entravam mais “chucrinhos” na escola. O leitor talvez estranhe aulas no sábado. A seguir explicarei as atividades de sábado.

Desde o 1^o ano que lecionei, todos os dias, os primeiros 20 minutos era ensino religioso cristão católico, por se tratar de uma escola da comunidade católica. Os alunos de outras crenças não eram obrigados a participar, mas ficavam na sala. Aos sábados, durante 40 minutos, tínhamos estudo bíblico e todos os alunos católicos e evangélicos estudavam e participavam das aulas. Houve pais de família luterana que solicitaram que eu ensinasse o Catecismo Pequeno de Lutero para seus filhos poderem fazer a Confirmação. Após corrigir as tarefas de casa e dada a tarefa para segunda-feira, tínhamos uma hora de trabalhos manuais. As meninas aprendiam o crochê, tricô e bordados. Os meninos trabalhavam com um arco de ferro que continha uma “serrinha” (lâmina de aço dentada),

comprado na livraria, para fazer trabalhos em madeirite: porta-cuias, porta-ovos, porta-chaves, porta-jóias e outros. Depois de serrados, eram lixados e pintados. Também tinha uma hora de recreação. Jogos, ginástica, cantos e piadas.

No final do ano, era feita uma exposição dos trabalhos manuais, cada trabalho com o nome do "artista", tudo preparado pelos próprios alunos. Também era apresentado uma hora de brincadeiras, cantos, poesias e dramatizações. Os cadernos, com as tarefas do ano inteiro, também iam para a exposição. No mesmo dia era feito o exame final oral, com a presença do vigário e de toda a comunidade. Eram colocados numa folha, mais ou menos, 50 perguntas ou exercícios de cada matéria, à disposição do Padre e dos membros da diretoria da igreja para examinar os alunos de cada classe, mas eles pediam que a professora fizesse isto, para não "assustar" os alunos e assim era feito. Era sobre Geografia, História, Matemática, Ciências, (reino animal, vegetal, mineral e corpo humano), Educação Moral e Cívica e Religião. A professora e os alunos recebiam o reconhecimento e a aprovação pelo empenho e pelo progresso e a professora recebia o aval para continuar seu trabalho no ano seguinte.

O reconhecimento não se restringia aos elogios dados neste momento, mas, traziam belas recordações e emoções! – tenho ex-alunos bem formados, com profissões dignas e, especificamente, quanto ao ensino, alunos que hoje são professores de faculdades.

Voltando às atividades de sábado, antes do encerramento, era feita a faxina da sala, embora a limpeza era realizada todos os dias, sempre por dois meninos para puxar os bancos e duas meninas para varrer. No fim de semana, era feita a faxina geral, incluindo a sala, janelas, vidraças, quadro-negro, bancos e o pátio. Acrescente-se aqui que não eram carteiras individuais, mas, bancos, compostos por assentos, encostos e que se estendiam ao longo para quatro ou cinco alunos, com um ambão inteiriço para colocar cadernos, folhas, livros e, ainda, tinteiro e caneta. Eliminei o tinteiro e a caneta com pena porque só causavam manchas em roupas e nos móveis.

A professora era também o que se chama hoje de Pronto Socorro, na comunidade. Pequenas complicações de saúde, como gripe e dor de ouvido. Aplicava injeções intramuscular e intravenosa quando vinham com a receita do médico. Isso para adultos e idosos da comunidade. Fazia curativos quando solicitada. As pessoas acamadas recebiam atendimento em casa. Deve-se lembrar que antes de ser

professora, era assistente de enfermagem e os próprios médicos do Hospital, onde eu trabalhara, me indicavam para acompanhar o doente em casa no que se referia à aplicação de injeções e de curativos. Como os professores, formados na Escola Normal Rural, recebiam formação para dar assistência aos agricultores, principalmente na formação de silos e adubo orgânico, orientação na lavoura e pecuária, eu utilizava meus conhecimentos de assistente de enfermagem para dar ajuda à comunidade.

A preparação do altar para os cultos e as missas, a limpeza da igreja, a catequese da 1ª. Comunhão e da Crisma, a confecção de cartazes, os ensaios dos cantos da celebração para o dia dos neo-comungantes e crismandos, também faziam parte do trabalho da professora.

SOBRE OCURRÍCULO DAS SÉRIES

A partir do segundo semestre, os alunos da 1ª Série estudavam a localidade: sua geografia, como nome do local, riachos, limites, etc. História: primeiros habitantes, início da escola, igreja, etc. Ciências: animais selvagens e domesticados, plantas, árvores, águas, etc.

A segunda série estudava o município: limites, distritos, localidades, comércio, indústria, nomes de autoridades, nome das ruas principais, etc.

A terceira série estava dirigida para o Estado: divisas, principais rios e municípios, governantes, rodovias, ferrovias, indústrias, etc.

O estudo da 4ª Série era o Brasil. Fronteiras, Estados com as capitais, principais rios e montanhas, nomes de presidentes, principal produção de cada Estado, tipos de governos que o Brasil já teve. A 5ª. Série, além de aprofundar o estudo sobre o Brasil, estudava principalmente as Américas e os demais continentes, seus principais países, os maiores rios, fronteiras, principais leis brasileiras, etc.

No dia marcado para a Ciência, estudavam-se as principais plantas, cultiváveis e naturais. Nomes das árvores, tipos de folhas, flores, sementes, e como se desenvolviam. Semeavam-se grãos de plantas naturais e cultiváveis, em caixotes, para ver de perto, o seu desenvolvimento. Havia atrás da escola um bosque, onde buscávamos os diferentes tipos de plantas, deixava-se secar, depois se grudava numa cartolina com seus nomes, tipos de folhas, raízes, caules etc. Também entravam no estudo: musgos, plantas parasitas, liquens,

algas. O corpo humano: órgãos e suas funções, nomes dos principais ossos, doenças com suas origens e conseqüências. Eram usados os próprios nomes dos animais: domésticos e selvagens, vertebrados, invertebrados, úteis e nocivos. Principais minerais, o uso deles, bem com suas utilidades individuais.

FERRAMENTAS DO DIA-A-DIA NO TRABALHO

Os alunos sabiam o nome das principais ferramentas do agricultor, do pedreiro e de outras profissões. Também os apetrechos do "gaúcho": botas, bombachas, chapéu de aba larga e com barbicacho, lenço no pescoço, poncho, rebenque de couro trançado com argolas de metal; também os apetrechos de um cavalo encilhado: freio, cabresto, viseiras, carona, suã, (manta), sela, barrigueira, pelegos, manta em cima de pelegos e a cincha.

Carroça com a canga de boi, arado, grade, carpideira, plantadeira, enxada, ancinho ou rastelo, forçado, machado, facão, foice, gadanho, torquês, furadeira, serra, serra de disco, verruma, serrote, tesoura de poda, carrinho de mão, trena, lima, alicate, chave de fenda, chave inglesa, martelo, enxadão, picareta, pá, parafuso, porca, arruela, plaina, cordas, correntes, enxó, cunha, cunheira (nome dado a uma cunha grande para fazer tabuinhas de telhados), podão, formão, esquadro, trado, machadinha e outras que nem me lembro mais.

“O REPÓRTER ESSO”

Aconselhava os alunos da 4ª e 5ª séries a ouvirem o “Repórter Esso”, jornal falado da Rádio Farroupilha. E no dia seguinte, deveriam trazer alguma notícia que acharam importante para comentarmos em conjunto. Por ordem, cada aluno, no dia marcado para ele, escrevia no verso do quadro-negro da escola, a notícia que achava ser a mais importante. Num dia desses, pelas nove horas, recebemos a visita da coordenadora das Escolas Municipais. (Naquela época a Escola já era de responsabilidade do município). E ela logo foi perguntando: O que aconteceu ontem no Brasil? E os alunos foram respondendo, que o Dr. João Goulart havia sido deposto. A coordenadora ficou impressionada com a rápida resposta deles. Foi convidada a ler o que estava escrito no verso do quadro-negro. “João Goulart foi deposto”. Parabenizou os alunos e, logicamente, a professora também.

Também podiam apresentar os acontecimentos do lugar: morte, nascimento, bodas, casamento, etc.

PASSEIOS

Todos os anos fazíamos um piquenique nas montanhas ou em campos de futebol; se chovia, fazíamos festa na própria escola ou num pavilhão. Também visitávamos indústrias, na cidade.

Sempre eram comemorados os dias especiais, como dia das Mães, dos Pais, da Bandeira, Independência, da República, dia da Revolução Farroupilha, das Crianças, sempre com poesias, cantos, bailados, e redações sobre a data, declamavam poesias, citando o nome do autor, título e o seu próprio nome.

VALORES E TAXAS

Como professora particular, recebia um valor "X" de cada aluno por mês; se numa família tinha dois filhos na escola, era dado um abatimento; se tinha três, mais um desconto. Era algo inseguro, a gente nunca sabia se começo do mês recebia a mensalidade de um, de dois, de oito ou de todos os pais. Nem sempre os pais tinham o dinheiro disponível, mas sempre, cedo ou mais tarde, pagavam. Ninguém ficou devendo. No terceiro ano, propus que se formasse uma diretoria da escola, independente da comunidade, o que foi aceito. Todos pagariam para o tesoureiro e este me passava um valor fixo e o saldo ficava em caixa, para eventuais despesas da escola, como por exemplo: giz, material didático, algum doce para os alunos, no dia das crianças, ou outro dia de festa, refrigerante para o dia do piquenique; num ano foi pago um ônibus para um passeio a indústrias. Agradeço hoje ainda pelo tesoureiro, muito competente e humano. Em 1964, a escola passou para o município.

O currículo escolar era feito e enviado pela Secretaria da Educação Municipal, mas, não deixei de aplicar alguns complementos dos métodos por mim adotados. Na matemática aplicava principalmente a realidade das pessoas, do comércio ou das safras e mercadorias. Os alunos tinham que entender a tabuada, p. ex.: $1 \times 2 = 2$; até $10 \times 2 = 20$. A seguir, começava, invertendo, p. ex., 2×1 ; até 2×10 . Depois, somente o produto das operações da tabuada: 2, 4, 6, etc; em seguida, o inverso: 20, 18, 16, 14. Ainda, trocando sem ordem

crescente ou decrescente (salteado), perguntava: 5×2 ; 9×2 ; 7×2 . Procedia assim para que os alunos entendessem para, depois, decorar. A tabuada, os alunos sabiam até 15, de cor e salteado, gradativo, conforme a série. Utilizava na matemática as operações mentais, numa espécie de torneio. Os alunos gostavam muito deste jogo. Não era um jogo de memória; tinham que saber fazer as operações na mente. Claro que, para fazer as operações, tinham que recorrer à memória. Assim, quando todos os “jogadores” estavam a postos, eu propunha oralmente um exercício, pausadamente, como por ex. $9 \times 6 + 7 + 3 - 9 - 20 \times 2$, dividido por 2. Qual é o produto? Para os alunos que estavam nos primeiros anos, os números eram menores e as operações também eram mais curtas. É claro que preparava as operações a fim de que não houvesse sobras ou a fim de que o resultado fosse número inteiro. Premiava com um lápis, caneta, borracha, quem acertasse primeiro, mas, no final todos levavam alguma lembrancinha. Preciso dizer que as “operações de cabeça” era um jogo que aprendi quando, aos 16 anos, fiz a minha primeira experiência como professora, conforme narrei no início deste relatório. Aprendi com uma colega professora que era alemã. Este jogo, naquele colégio, também estava prescrito na metodologia do currículo.

Por escrito, os exercícios de matemática tratavam temas que versavam sobre mercadorias do local: venda de fumo, milho, arroz; os alunos deviam calcular o quanto receberam pela venda dos produtos, com desconto de uma certa porcentagem de umidade ou sujeira. Do valor líquido da venda dos produtos, faziam-se compras na loja, no mercado, na livraria. Quanto sobrou desta venda? Depositando no Banco a uma certa porcentagem de juros, ao fim de um ano, qual o valor total que se tem?

Além desses exercícios, os alunos tinham que calcular os juros de um determinado capital, a taxa que rendeu tantos juros, etc. Calcular os metros quadrados de uma área; os metros cúbicos de um monte de lenha; os metros quadrados de um triângulo; a raiz quadrada de um certo número e outros.

POLÍTICA

Em época de eleições municipais, simulávamos uma campanha e uma eleição, dentro da sala de aula, com os nomes de alunos, previamente escolhidos. Fazíamos as cédulas e todos podiam votar

num candidato para prefeito e três ou quatro para vereadores. À época, a eleição era feita de cédulas, depositadas na urna. Cada candidato precisava apresentar o seu projeto de governo. Além de cultural, resultava numa criatividade engraçada... Como era uma aprendizagem, os nomes dos candidatos eram fictícios.

TREINAMENTOS E FATOS PITORESCOS

Todos os anos, em fevereiro e em julho, nós professores participávamos de cursos, administrados por professores indicados pela Secretaria de Educação do Ensino Particular e, depois, do município. Participava de todos; não admitia faltar um dia sequer, pois como iria exigir dos meus alunos a assídua frequência na escola, sem dar o próprio exemplo. Mas, quando se tratava de direitos, também lutava, até consegui-los. Num final de ano, os professores foram convocados para uma reunião para o dia 22 de dezembro, realizada pela Secretaria Municipal e, ao mesmo tempo, deveriam levar o material do encerramento escolar e receber o salário de novembro, que ainda não tinha sido pago. Terminada a reunião, o coordenador agradeceu a presença de todos e desejou um Feliz Natal e Ano Novo. Perguntei: e o salário? A resposta foi que a Prefeitura não dispunha o dinheiro em caixa e os professores seriam avisados, sobre a data do pagamento.

Com calma respondi: "O sr. faz o favor de retirar os votos de um feliz natal, pois ninguém pode ser feliz sem dinheiro". Incentivei os professores a dirigirmo-nos à sala de espera da prefeitura, até recebermos. Alguns professores precisavam tomar o ônibus, para irem às suas casas, e outros acharam que era inútil esperar. Pelas 11h:30m, éramos só 5 ou 6 professores na sala de espera. De repente, o tesoureiro sai, mas, volta em seguida, com o pagamento para os professores que ali estavam. (Os outros, até hoje não fiquei sabendo quando receberam.). Agradei gentilmente e disse para o tesoureiro: "Se o sr. recebeu o seu salário de novembro, Feliz Natal".

Numa aula de Ciências da 4ª. e 5ª. séries, estudando as funções do corpo humano, chegamos ao assunto da concepção do ser humano até o nascimento. (normal, cesariana, fórceps) Mas, no dia da reunião, os pais acharam que eu não deveria ter abordado este assunto por ser complicado. Bem, falei, na próxima aula direi aos alunos que as crianças nascem de um repolho ou a cegonha as

traz, não sei de onde ou ainda a parteira vai pescá-las no rio! No entanto, todos os alunos sabem e enxergam que é a barriga da mãe que cresce. O que vocês acham? Deram umas boas gargalhadas e o assunto morreu ali mesmo.

Num certo dia, montado a cavalo, apareceu um pai de três alunos, alcoolizado, e bateu na porta da escola com o rebenque, quando estavam presentes todos os alunos. Ao atendê-lo, gritou, pedindo a retirada de seus filhos da sala. Falei: Sem problema, senhor, os filhos são seus. Os três alunos olharam para mim, com muita tristeza, mas, pedi com calma que juntassem seus materiais e atendessem o pedido do pai. Dei um abraço em cada um deles e desejei Boa Sorte. Soube mais tarde que o pai havia se arrependido, mas com vergonha, não quis voltar atrás. Até hoje não sei o motivo.

○ FRIO E PUNIÇÕES

No inverno fazia muito frio. Geava muitos dias seguidos. Uma boa parte dos alunos tinha pouca roupa para o frio; eles vinham para a escola com muito frio porque era grande a distância da casa até a escola. Eu colocava num tijolo, um ferro de passar roupa com brasa para, logo que viessem, pudessem esquentar as mãos. O calor fez com que a sala também ficasse mais aconchegante. Deixávamos duas janelas semiabertas e aproveitava para lhes explicar o porquê. Mas, quando o sol aparecia, dispensávamos as brasas.

Eu não aplicava punições. Procurava adverti-los, mas, na segunda ou terceira advertência, segurava o aluno em sala, quando os outros iam para o recreio. Conversava muito com ele e, depois, podia ir lanchar e aproveitar o recreio com os demais. Precisava sentir que ele estava errado. Havia dois alunos, que no trajeto para casa, muitas vezes, se desentendiam e os pais achavam que era a professora que deveria procurar uma solução. O jeito era segurar na sala, um deles até que o outro estivesse distante. Num dia o X. e, no outro, o Z. Em poucos dias, tudo estava resolvido.

Mesmo com todas as dificuldades no início, valeu a pena e tenho consciência de ter dado minha modesta contribuição para esta comunidade e seu povo!